

A ALTERNÂNCIA ENTRE ADJETIVOS E
ADVÉRBIOS COMO MODIFICADORES DE
INDIVÍDUOS E DE EVENTOS^{*}
*Adjective-Adverb Alternance: Modifiers of
Individuals and Events*

Maria José Gnatta Dalcuche Foltran^{**}

Nas línguas românicas, há um uso peculiar do adjetivo: ele é usado no contexto de um advérbio de modo, como mostra (1). No português do Brasil, a construção é bastante produtiva.

- (1) a. Elas falam *claro*.
b. Essas mulheres trabalham *duro*.
c. As crianças comeram *escondido*.

Este adjetivo, para o qual usarei a denominação de **adjetivo adverbial**, se realiza sempre no masculino, singular, ou seja, não concorda com nenhum NP presente na sentença, como se pode observar em (1): o NP sujeito das sentenças são formas femininas e estão no plural. Esta característica distingue esses adjetivos daqueles que se constroem como predicados secundários, em especial os descritivos (depictivos). Esses predicados modificam um argumento presente na sentença e concordam em gênero e número com eles, como mostra (2).

^{*} Este trabalho foi apresentado no evento Domínios do Verbo, na Universidade Federal do Paraná, em 2007. Os comentários e discussões dos presentes conseguiram torná-lo melhor. Agradeço a todos. Os problemas que permanecem são de minha responsabilidade.

^{**} UFPR.

- (2) a. A professora saiu da sala *calma*.
- b. As meninas falaram *nervosas*.
- c. Ela comprou as cenouras *frescas*¹.

Os adjetivos em (1) precisam também ser confrontados com os advérbios de modo em *-mente*, pois compartilham com estes de uma interpretação de modo/maneira e do contexto sintático. Ambos, no entanto, apresentam alternância quanto à ocorrência: algumas ocorrências só admitem a forma em *-mente* (3-4), outras só a forma sem *-mente* (o adjetivo) (5-6) e há aquelas que admitem as duas, como se pode ver em (7)-(8).

- (3) a. *Ele vive modesto.
- b. Ele vive modestamente.
- (4) a. *Maria assistiu ao filme atento.
- b. Maria assistiu ao filme atentamente.
- (5) a. Este pássaro voa alto.
- b. *Este pássaro voa altamente.
- (6) a. Ela vendeu caro o apartamento.
- b. *Ela vendeu caramente o apartamento.
- (7) a. Essas mulheres trabalham duro.
- b. Essas mulheres trabalham duramente.
- (8) a. O conferencista falou claro.
- b. O conferencista falou claramente.

Encontramos em Foltran (2007), a distribuição dos adjetivos adverbiais em relação a advérbios de modo em *-mente* e em relação a predicados secundários. Argumenta-se, naquele trabalho, que adjetivos e advérbios, quando predicados adjuntos, apresentam alternância em relação a seu papel de predicados de indivíduos e predicados de eventos. A hipótese é que a estrutura lexical e a estrutura sintática – mais especificamente o local em que esses predicados são gerados – impõem-lhes certas características ou traços, o que lhes confere um comportamento peculiar.

Neste trabalho, discutimos na seção 1 algumas das propostas sobre as categorias nas quais os predicados adjetivos exemplificados em (1) se encaixam e apontamos as limitações dessas abordagens. Defendemos que é a categoria [+N +V] que pode se alternar no papel de predicado de indivíduos e de eventos. Para isso, é preciso redimensionar a categoria de advérbio, ou dos advérbios predicativos mais especificamente. Finalmente, comparo

¹ Este tipo de sentença é, em geral, ambígua no português: o adjetivo pode ser interpretado como predicativo ou como adjunto do nome. A interpretação relevante será sempre a predicativa.

as construções com adjetivos adverbiais com as construções resultativas e encaminho algumas conclusões que podem servir de base para se postular uma estrutura sintática para as construções com os adjetivos tratados aqui.

1. O ESTATUTO CATEGORIAL DOS PREDICADOS EM QUESTÃO

Pelo fato de os adjetivos em (1) não apresentarem concordância com nenhum núcleo nominal da sentença e por ter escopo sobre a predicação, a tradição gramatical alega que se trata de um adjetivo em uso adverbial, ou seja, um adjetivo usado em contexto próprio dos advérbios.

Esta abordagem, no entanto, não é consensual. Lobato (2005) afirma que tal abordagem impossibilita a distinção nítida entre as diferentes categorias gramaticais. Diz que “se existem duas categorias diferentes, cada uma definida por ter um tipo semântico específico que leva a uma dada distribuição sintática, é de se esperar que essa distinção se mantenha claramente em todos os usos dos membros de cada categoria” (LOBATO, 2005, p.3).

Lobato apresenta, ainda, outros posicionamentos frente à questão. O primeiro deles preconiza que o adjetivo passa por um processo de conversão, ou derivação imprópria (cf. Spencer, 2001, *apud* Lobato *op. cit.*), ou seja, um processo de transposição de uma palavra de uma classe gramatical para outra. Outro a assumir essa análise é Hummell (2000). Esses predicados teriam, portanto, o estatuto de advérbios, e assim, segundo Lobato, esses itens passariam a ser membros também de outra classe gramatical, ou seja, estaríamos diante de dois itens lexicais distintos.

Apesar de resolver o problema da nitidez da natureza categorial dos itens em questão, essa proposta não é explicativa, já que não esclarece por que o suposto advérbio não apresenta nenhuma das características morfológicas de outros advérbios.

Uma outra abordagem apresentada por Lobato é a de que os itens em questão não seriam adjetivos – seriam advérbios, homófonos das formas correspondentes em uso adjetival. Não haveria um processo morfológico de conversão – a ambiguidade categorial existiria já no léxico. Ilari *et al.* (1989) assumem esta análise em relação a exemplos do tipo que aparecem em (9).

- (9) a. O concurso de ingresso precisa ser aberto mais *rápido*.
 b. Eles vieram *direto* para cá.²

² Em Foltran (2007), argumenta-se que itens lexicais como *rápido* e *direto* têm comportamento diferente dos demais adjetivos de uso adverbial: são advérbios homófonos de adjetivos e devem ser tratados separadamente.

Segundo Lobato (2005), essa análise não explica a alternância na distribuição de adjetivos e advérbios em *-mente*, como apresentado em (3-8). Descartando todas as análises apresentadas, Lobato (*op. cit.*) apresenta a sua hipótese: os predicados adjetivais em (1) são verdadeiros adjetivos em uso típico de adjetivo e predicam de forma nominal não manifesta.

Tendo em vista os ambientes em que ocorrem os adjetivos adverbiais e os advérbios em *-mente*, Lobato assume que, quando só a forma sem *-mente* é licenciada, a predicação recai sobre uma propriedade nominal não manifesta; quando só a forma com *-mente* é permitida, a predicação recai sobre a relação proposicional; e quando as duas formas se alternam, o atributo pode ser interpretado como predicando sobre propriedade nominal ou sobre relação proposicional.

Procurando explicitar melhor o que seria essa propriedade nominal não manifesta, Lobato (2005) diz que ela pode estar nas informações trazidas pelo verbo ou pode ser o próprio ato verbal. No primeiro caso, um verbo como *falar* teria a VOZ (10a) como informação semântica nominal implicada pelo verbo; por sua vez, um verbo como *vender* teria PREÇO (10b). Já um verbo como *escrever* teria uma espécie de produto do evento, *a escrita*, sobre o que se aplica a propriedade *trêmulo* (10c). A propriedade nominal faz parte da estrutura léxico-conceptual dos verbos e não da estrutura sintática da oração.

- (10) a. Ela fala *alto*.
 b. Ela vendeu *caro* a fruta.
 c. Ela escreve *trêmulo*.

No segundo caso, o predicado é sobre o ato verbal, também uma propriedade nominal para a autora. Em (11), a propriedade *escondido* se aplica ao ato de comer.

- (11) Ela come *escondido*.

A análise de Lobato (2005) apresenta problemas, a meu ver. A explicitação dessa propriedade nominal de que adjetivos como os que aparecem em (1) predicariam é vaga e um tanto nebulosa. É difícil pensarmos em separar uma predicação sobre o ato verbal (um elemento nominal) ou sobre o “processo verbal” (um elemento verbal), o evento como tal. Isso soa mais como um subterfúgio para explicar exemplos como (11).

Para podermos avaliar melhor essa especificação, vale observar um trecho de Lobato que, ao explicar as diferenças entre *rapidamente* e *rápido*, afirma que “rapidamente, na sua qualidade de advérbio, predica de relações proposicionais, e rápido, na sua qualidade de adjetivo, do ato verbal ou das propriedades aspectuais do evento” (LOBATO, 2005, p. 14). Observe-se que

é atribuída ao adjetivo a tarefa de exercer influência sobre o aspecto verbal, um efeito consensualmente associado a advérbios.

Num outro trecho de seu texto, Lobato diz:

[...] a forma com *-mente* predica (a) do evento, (b) do produto do evento, visto como causado pelo sujeito, (c) da ação do sujeito no transcorrer do evento ou (d) do sujeito durante a ação³; ao passo que a forma sem *-mente* predica (a) do ato verbal e/ou (b) do produto resultante do evento e/ou (c) da propriedade nominal do verbo (LOBATO, 2005, p.12).

É curioso observar que, ao falar da forma com *-mente*, adverbial, afirma-se que ela predica do sujeito durante a ação e, ao tratar da forma sem *-mente*, fala-se da predicação do ato verbal. Claramente, ou temos aqui uma análise bastante equivocada, ou estamos numa zona de fronteira em que adjetivos e advérbios apresentam sobreposições na sua função.

Embora não endosse a análise de Lobato, vou argumentar aqui a favor da segunda possibilidade: adjetivos e advérbios predicativos compartilham da propriedade de poder se orientar tanto para o evento como para participantes do evento. Vou, no entanto, manter uma generalização de Lobato em relação aos predicados em foco: “o escopo da predicação do atributo sem *-mente* é diferente do escopo da predicação do atributo com *-mente*” (LOBATO, 2005, p. 11). A vantagem da análise de Lobato é evitar uma duplicação no léxico. Em todas as demais análises, temos que assumir que há itens sintática e semanticamente distintos, que são pronunciados da mesma maneira e ocorrem no mesmo contexto. Certamente isso não é bem-vindo por nenhuma teoria linguística e não podemos perder esse fato de vista.

1.1.PREDICADOS DE EVENTOS E PREDICADOS DE INDIVÍDUOS

A semântica de eventos trouxe uma grande contribuição para a abordagem dos advérbios, analisando-os como predicados de evento. Assim, a postulação da variável evento permitiu que a modificação adverbial fosse tratada composicionalmente em pé de igualdade com os outros predicados. Nesse contexto teórico, portanto, uma classe de advérbios, mais precisamen-

³ Aqui Lobato diferencia sentenças como (i) *Maria fala nervoso* e (ii) *Maria fala nervosamente*. Explica que em (i) *nervoso* predica do ato de falar, da fala ou da voz, enquanto em (ii), *nervosamente* predica do processo expresso pela proposição, portanto com o sujeito incluído. Na minha opinião, essa distinção não se verifica.

te os de modo, são predicados de eventos, da mesma forma que os verbos. Rothstein (2004), assumindo uma teoria neodavidsoniana, formaliza a diferença entre adjetivos e advérbios, tal como aparece em (12).

- (12) a. $\text{drunk}_{AP}: \lambda x \lambda e. \text{DRUNK}(e) \ \& \ \text{Arg}(e)=x$
 b. $\text{drunkenly}_{ADV}: \lambda \text{VP} \lambda e. \text{VP}(e)^4 \ \& \ \text{DRUNKENLY}(e)$

Em (12a), o adjetivo *drunk* é uma propriedade que tem um argumento e se aplica a ele; (12b) informa que, na denotação do VP, *drunkenly* modifica o evento. Assumir isso rigidamente coloca problemas para o tratamento dos adjetivos em (1), problemas que foram levantados na seção anterior: alternância de classe, formas homófonas de diferentes categorias, argumentos nominais não manifestos, etc. Qual seria então a outra saída? A resposta para mim seria: redimensionar as funções de adjetivos e advérbios nas línguas. Para isso, precisamos reconhecer que essas formas se alternam entre a possibilidade de ser predicados de eventos e predicados de indivíduos.

Em primeiro lugar, precisamos examinar em que situação um advérbio pode estar orientado para um indivíduo. O que de imediato nos vem à mente são os advérbios orientados para o agente ou sujeito. Advérbios agentivos, como *inteligentemente*, *estupidamente*, *tristemente*, *alegremente* constituem um tipo de advérbio do nível da sentença e, segundo Himmelmann e Schultze-Berndt (2005), eles atribuem ao agente certas características com base no evento do qual o agente participa, configurando uma avaliação sobre o agente. Assim, um exemplo como (13a) tem como paráfrase (13b).

- (13) a. John stupidly answered the question.
 b. It was stupid of John to answer the question.

Geuder (2002) tem como preocupação descobrir em que consiste a propriedade de orientação dos advérbios, ou seja, sua dependência semântica de predicados de indivíduos. Nessa perspectiva, toma advérbios como *intelligently*, *sadly*, *heavily* e busca responder como seu significado deve ser entendido com base em propriedades de indivíduos do adjetivo subjacente.

Segundo Geuder (2002), a questão é de fundo lexical. Advérbios como os relacionados acima são derivados de adjetivos em que o sentido de base será o relacionado a indivíduos. Já *slow/slowly* toma como base um adjetivo cujo sentido está relacionado a eventos. Numa expressão como *a slow car*, para interpretarmos o adjetivo precisamos necessariamente recorrer ao evento: *a car's going slowly*. Por outro lado, advérbios como *beautiful* podem produzir ambiguidade no seu uso atributivo.

⁴ O VP representa a denotação do VP.

(14) a. beautiful dancer

(15) a. a good-looking dancer

b. someone who dances beautifully

Na segunda leitura (15b), o advérbio está baseado no significado da variante que predica do evento e herda os traços de tal predicação. Esse é um fato bastante debatido na literatura. Larson (1998) propõe um argumento evento em nominais, para dar conta da leitura não intersectiva explicitada em (15b). A ideia de Larson é enfrentar essa questão do ponto de vista composicional. A assunção tradicional para esse caso era afirmar que tais adjetivos são ambíguos entre uma variante intersectiva (relacionada à leitura em 15a) e um operador (que leva à leitura em 15b). A proposta de Larson (1998) é postular um argumento adicional para o nome, nos moldes do argumento evento. Apoiar a sua tese no problema da substituição mal sucedida (*substitution failure*): dado que, numa mesma situação, todas as dançarinas são cantoras e vice-versa, a verdade da afirmação *Olga é uma bela dançarina* (no sentido em que ela dança muito bem) não implica a verdade de *Olga é uma bela cantora*. Essa impossibilidade de acarretamento já era apontada em McConell-Ginet (1982) para advérbios. A utilização da análise de Davidson (1967) para esses casos permitiria detectar uma dimensão nova na estrutura semântica do predicado: a variável de evento, que permite separar a dança da dançarina.

Larson (1998) estende essa análise para o adjetivo *beautiful*, que pode ser tanto um predicado de indivíduos como um predicado de eventos. É isso que está subjacente à ambiguidade de um adjetivo como *beautiful*. Em cada caso, a propriedade precisa ser relativizada a uma classe de comparação (C).

(16) Olga is a beautiful dancer.

a. $\text{Qe}[\text{dancing}(e, \text{olga}) \dots \text{beautiful}(\text{olga}, C)]$ (“Olga is beautiful”)

b. $\text{Qe}[\text{dancing}(e, \text{olga}) \dots \text{beautiful}(e, C)]$ (“Dancing is beautiful”)

A questão que Larson (1998) precisa resolver é a identificação de um quantificador que possa ligar a variável de evento. Adotando uma solução de Chierchia, 1995 (*apud* Larson, 1998), propõe um quantificador genérico, situado na sintaxe⁵. Pensando nesse tipo de contexto, Larson (1998) afirma, ainda, que podemos ter adjetivos que só podem predicar de indivíduos (como *aged*), outros que só podem predicar de eventos (como *former*) e há

⁵ A ideia é que um nome como *dancer* não seria inerentemente genérico; ele simplesmente descreve um agente num evento de dança.

aqueles que podem predicar tanto de indivíduos como de eventos (como *beautiful, old*).

O que quero mostrar neste trabalho é que além dos adjetivos não intersectivos, há os adjetivos adverbiais que também podem predicar de eventos, como os advérbios podem predicar de indivíduos. O que precisamos responder é por que, então, teríamos uma forma correspondente com *–mente* se o adjetivo pode desempenhar o mesmo papel? Antes de abordarmos esse ponto, vou falar um pouco da morfologia das formas em *–mente*.

1.2 SOBRE A MORFOLOGIA DOS ADVÉRBIOS

Basílio (1998) apresenta os problemas de se considerar as formações em *–mente* como processo de afixação, conforme clamam as gramáticas tradicionais. Segundo a autora, essa análise apresenta alguns problemas. Do ponto de vista fonológico, o acento da palavra não se submete ao do afixo, como é regra nas formações afixais: comparando-se *nitidamente* com *nitidez*, vemos que no primeiro caso temos um padrão acentual com dois picos, ao contrário do segundo. Portanto, o acento não se neutraliza. Outra característica, ainda na fonologia, é o fato de as vogais médias na posição pré-tônica das palavras com *–mente* não apresentarem o fechamento típico dessa posição em outros casos de derivação: observar *brevemente* (a primeira vogal continua aberta) em oposição à *brevidade* (vogal fechada).

Do ponto de vista morfológico, as formas em *–mente* contrariam os cânones da morfologia por serem derivadas do feminino do adjetivo – a regra é que formas flexionadas não seriam derivantes. Do ponto de vista sintático, há também uma característica peculiar: podemos enumerar mais de um adjetivo e utilizar *–mente* apenas no último, como em *cuidadosa e vagarosamente*.

Essa última característica, principalmente, leva Zagana (1990) a propor que estamos diante de um caso de composição. Mas devemos observar que, além do fato de composição ser um conceito controverso, nesse caso ela não amplia as denotações do léxico com o acréscimo da forma *–mente*, contrariando a principal características das demais composições. Basílio (1998) observa que, assumindo a composição, podemos explicar a maior parte dos problemas apontados acima (a não neutralização do acento, o não fechamento da vogal, etc), mas devemos notar que formação de palavras com função de mudança categorial são fundamentalmente derivacionais. Portanto, do ponto de vista morfológico, “as formações em *–mente* nos deixam com uma escolha entre uma derivação esdrúxula e um caso estranho de composição com finalidades de mudança categorial” (BASÍLIO, 1998, p. 18).

Lobato (2005) propõe considerar as formas com *-mente* uma afixação sintática. Explica assim a questão do acento, da vogal aberta e da coordenação de palavras base com afixação somente na última. Diz que a distinção entre formação de palavras na morfologia (ou léxico) e na sintaxe equivale a uma distinção entre derivação a partir de radical e derivação a partir de palavra, respectivamente. Assim, as formações em *-mente* teriam derivações a partir de palavras. Para dar sustentação ao seu argumento, Lobato precisa analisar o *a* que sempre aparece antes de *-mente* nos adjetivos flexionáveis como uma vogal temática e não como tradicionalmente se considera: marca de gênero. A abordagem de Lobato fica devendo uma explicação mais precisa a respeito do que seria uma afixação na sintaxe⁶.

A abordagem de Geuder (2002) me pareceu especialmente interessante para o dado empírico que analiso neste trabalho. Para o autor, o uso de uma forma adverbial particular difere dependendo da classe lexical⁷ dos adjetivos subjacentes ao verbo. Cada classe lexical pode levar a uma leitura de modo e a uma outra leitura adverbial. Variantes que não são de modo têm uma relação estreita ao significado lexical correspondente. Advérbios de modo, por sua vez, podem ser formados indiferentemente a partir de adjetivos de qualquer uma das classes lexicais, ou seja, modo é uma noção independente do sentido lexical dos adjetivos – advérbios de modo são derivativos de processo específico que pode tomar vários tipos de significados lexicais como *input* e dar origem a um tipo constante como *output*.

Segundo Geuder (2002), o papel da morfologia adverbial não é a chave para mudanças de sentido entre predicados de indivíduos e predicados de eventos. Apoiado em alguns autores, como Radford (1988) e Alexiadou (1997), que dizem que em algumas línguas o afixo adverbial seria parte do paradigma flexional do adjetivo, e apoiado no fato de que no alemão há ausência total de marcas que distinguem advérbios de modo de adjetivos, como mostram (17-18), Geuder (2002) afirma que a morfologia adverbial parece mais flexão, e é desencadeada por fatores que residem no contexto sintático, não no léxico.

(17) Hans verliess den Raum traurig.

H. left the room sad

(18) “John left sad / John left sadly.”⁸

⁶ É importante observar que Lobato faz essas considerações numa nota de seu texto (nota 1), portanto não era sua meta desenvolver as questões sobre a morfologia das formações em *-mente*.

⁷ Geuder propõe as seguintes classes de adjetivos: predicados de disposições, predicados de estados psicológicos e estados externos (não mentais).

⁸ Exemplos de Geuder (2002, p. 38).

Essa variação, segundo o autor, seria uma evidência de que a marcação adverbial não permite nenhuma predição sobre o tipo de processo morfológico que realiza. Ele acrescenta ainda algumas evidências contra o tratamento da formação de advérbios como derivação: a) formas adverbiais não servem como *input* para nova morfologia derivacional; b) a morfologia adverbial é vazia semanticamente; c) o acréscimo de *-mente* não dá origem a novos lexemas – é sempre uma leitura regular do adjetivo e, assim, formas adverbiais não sofrem lexicalizações.

Para Geuder (2002), o desencadeador da morfologia adverbial é sintático, não lexical e a distinção entre advérbio a adjetivo não interfere no exame da distinção entre predicados de indivíduos e predicados de eventos.

1.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

Os exemplos em (1) do português colocam problemas para a sintaxe e a semântica de adjetivos e advérbios, se assumirmos que adjetivos predicam de indivíduos e advérbios predicam de eventos. As explicações encontradas na literatura precisam lançar mão de processos de alternância categorial, de itens lexicais homófonos ou de expressões nominais nunca manifestas na sintaxe. Considerei essas explicações parciais e problemáticas. Assumi, a partir de Geuder (2002), que há uma questão de fundo lexical no mapeamento de adjetivos para advérbios: a orientação do advérbio é construída com base na existência de uma alternância entre predicação de indivíduos e predicação de eventos. Isso é fundamental para Geuder explicar os dados que focaliza: os advérbios orientados (que incluem a possibilidade de serem orientados para um indivíduo); para mim, essa abordagem explica a possibilidade de um adjetivo ser orientado para o evento. O trabalho de Larson (1998) colabora com essa tese: argumenta que adjetivos não intersectivos predicam do evento. Para isso, precisa postular uma variável de evento, nos moldes do argumento davidsoniano, para os nominais. Concordo com Geuder (2002) que esse tratamento complica sobremaneira a semântica dos nominais. Por outro lado, o fato de a alternância entre predicar de indivíduos e predicar de eventos poder ocorrer com certos adjetivos possibilita afirmar que os adjetivos em (1) predicam de eventos, sem precisar assumir uma mudança categorial. Além disso, a assunção de que a morfologia dos advérbios é de ordem flexional, como afirma Geuder (2002), possibilita tratar advérbios não como um novo lexema, mas como uma forma flexionada de um adjetivo e a flexão com *-mente* é desencadeada na sintaxe.

Para tornar essa análise plausível, precisamos assumir que, dependendo do lugar em que esses predicados (adjetivos e advérbios de modo) são colocados na sintaxe, a flexão é ou não desencadeada. Portanto, eles

não podem ser projetados nas mesmas posições. Isso nos permite retomar a generalização de Lobato (2005): o escopo da predicação de atributos com ou sem *-mente* é diferente. Precisamos, também, explicar que outros adjetivos, não somente os não intersectivos, podem predicar de eventos. Antes de entrar na discussão de uma possível estruturação sintática, vou comparar os adjetivos adverbiais com construções resultativas, via Kratzer (2005), porque essa abordagem contribui para levantarmos propriedades dos adjetivos adverbiais ainda não atestadas.

2. ADJETIVOS ADVERBIAIS E CONSTRUÇÕES RESULTATIVAS

2.1 UMA ANÁLISE PARA AS CONSTRUÇÕES RESULTATIVAS: KRATZER (2005)

Alguns autores (KRATZER, 2005; BARTRA; SUÑER, 1997) já observaram o fato de que as línguas germânicas dispõem de uma construção resultativa, ao contrário das línguas românicas; por sua vez, as línguas românicas têm construções com adjetivos adverbiais, fato não produtivo nas línguas germânicas. Por esse motivo, os mesmos autores levantam a hipótese de essas duas construções estarem em distribuição complementar, a ponto de Kratzer (2005) questionar se haveria um parâmetro resultativo. Mostro aqui alguma similaridade sintática entre essas construções que nos auxiliarão a pensar sobre a estrutura sintática dos predicados em foco neste trabalho, mas as observações deixam claro que não estamos diante do mesmo fenômeno.

As sentenças em (19), tiradas de Bartra e Suñer (1997), mostram a ocorrência de adjetivos adverbiais em algumas línguas românicas.

- (19) a. María me habló claro. (Espanhol peninsular)
 ‘Maria me falou claro.’
 b. Treballa ferm i aprovaràs l´examen. (Catalão)
 ‘Trabalhe firme e será aprovado no exame.’
 c. Ils discutent agressif. (Francês do Quebec)
 ‘Eles discutem agressivamente.’
 d. Había llovido duro y seguido. (Espanhol colombiano).
 ‘Choveu forte e seguido.’

Kratzer (2005) busca explicar o conjunto de restrições que operam sobre construções resultativas (CR daqui em diante) como as que aparecem em (20), restrições essas que estão longe de serem óbvias.

- (20) a. Die Teekanne leer trinken.
The teapot empty drink.
'To drink the teapot empty'

A autora argumenta que, nessas construções, há restrições tanto sobre os verbos como sobre os adjetivos que as integram. Encontrar uma explicação para isso é explicar de onde vem a interpretação dessas construções.

Sua análise gira em torno de uma relação causal em resultativos que é obtida por meio de um afixo não pronunciado anexado no adjetivo. Trabalha com a hipótese que liga as restrições de verbos a adjetivos em CR alemãs a propriedades mais gerais que explicam por que algumas línguas têm tais construções. Propriedades morfológicas simples conspiram para permitir ou proibir resultativos, forçando-os a se comportar do modo como se comportam.

Para Kratzer (2005), os adjetivos só podem ter argumentos internos⁹. Para a hipótese dela dar certo, os resultativos devem ocorrer unicamente com verbos originariamente intransitivos, ou seja, deve ser um verbo que não começa sua vida na sintaxe com objeto direto (OD) próprio. No entanto, há CR com verbos transitivos e inacusativos. A autora argumenta, no entanto, que esses exemplos não constituem CR verdadeiras. Para ela, a propriedade relevante dos verbos é a transitividade. Mostra que embora apareçam verbos transitivos, são verbos que sempre dispõem de uma forma intransitiva.

O objetivo de Kratzer (2005) é provar que as CR com verbos transitivos não são resultativas verdadeiras, embora (21) possa parecer uma resultativa.

- (20) a. Sie haben *(die Patienten) ausgezogen.
b. They have the patients undressed.
c. They undressed the patients.

- (21) a. Sie haben die Patienten nackt ausgezogen.
b. They have the patients nude undressed.¹⁰

O exemplo em (20) mostra que o verbo é obrigatoriamente transitivo. Em (21), o mesmo verbo é usado em uma CR. Isso seria uma evidência contra a tese da autora de que a restrição que opera sobre o verbo de uma CR diz respeito à transitividade. No entanto, ela alega que esses exemplos não

⁹ Kratzer afirma que os adjetivos não podem ter argumentos externos porque não têm voz (KRATZER, 1996, *apud* KRATZER, 2005). Segundo ela, a flexão de voz é, por necessidade, uma flexão verbal – só pode ter projeções verbais.

¹⁰ Os exemplos (20) e (21) correspondem aos exemplos (15) da autora.

funcionam da mesma forma que as verdadeiras CR, como a exemplificada em (19). Reproduzo o seu argumento em (22) e (23).

- (22) a. Wie soll ich die Patienten ausziehen? Nackt.
How shall I the patients undress? Nude.
How shall I undress the patients? Nude.¹¹

- (23) a. *Wie haben sie ihn geschossen? (Tot.)
b. How have they him shot? (Dead.)

Com (22) e (23), a autora quer mostrar que a pergunta “como?” pode ser feita para (22), mas não para (23), que seria uma verdadeira CR. A sentença em (23) corresponde à resultativa do inglês *they shot him dead*. Para a autora, isso seria evidência de que os adjetivos presentes em sentenças como (22) devem ser processados (*parsed*) como advérbios. Já o objeto direto superficial do verbo em (23) não é argumento do verbo, portanto verbos desse tipo não seriam obrigatoriamente transitivos. Ela cita, ainda, exemplos do inglês que também vão na mesma direção dos exemplos do alemão: exemplos em que o adjetivo também deve ser processado como advérbio. Reproduzo alguns em (24).

- (24) a. She cut her hair short.
b. Speak clearer.
c. They played the game clean.

Portanto, para a autora, a generalização de que verbos transitivos não coocorrem com adjetivos resultativos deve ser mantida. E quando o adjetivo resultativo deve ser processado como advérbio, o objeto superficial dessas sentenças é argumento verdadeiro do verbo.

Kratzer (2005) adiciona a esses argumentos uma análise de alçamento para adjetivos resultativos. Essa análise é providencial para explicar a estreita relação entre objetos diretos e resultativos. O adjetivo em CR é predicado do objeto direto do verbo, ou melhor, o NP objeto direto é argumento do adjetivo que se torna objeto do verbo. Ele se move da projeção do adjetivo para a projeção do verbo para checar Caso. Tal análise requer que somente verbos com uso intransitivo possam aparecer nessa construção.

A análise de Kratzer (2005) tem como objetivo explicar as restrições a que as CR estão submetidas. Segundo essa análise, um verbo e um adjetivo podem vir juntos somente em condições muito especiais. Primeiro,

¹¹ Exemplo (20b) de Kratzer (2005).

o adjetivo deve se tornar eventivo e realiza essa condição ao se concatenar com o sufixo [*cause*]. Juntamente com uma operação chamada Identificação de Evento, [*cause*] produz uma interpretação de causação direta. O objeto do adjetivo precisa de Caso e isso faz com que o verbo não possa ter seu próprio objeto. O objeto do adjetivo torna-se um objeto do par verbo-adjetivo. Por ser intransitivo, o verbo não pode encaixar o sintagma projetado pelo adjetivo. Isso força uma união que origina um predicado complexo. Ambas as partes têm um preço a pagar: o verbo não pode ser transitivo ou inacusativo; o adjetivo precisar ser nu (*bare*).

2.2 TRAÇANDO RELAÇÕES: ADJETIVOS ADVERBIAIS E CONSTRUÇÕES RESULTATIVAS

Como já disse, não considero as CR e as construções com adjetivos adverbiais manifestações do mesmo fenômeno, mas podemos apontar algumas sobreposições, de um lado, e uma certa complementaridade, de outro. Se observarmos os exemplos de Kratzer apresentados em (24b-c), precisamos concordar que são muito próximos, se não iguais, aos nossos exemplos em (1).

Vou começar apontando uma semelhança entre essas estruturas. Essa semelhança ocorre desde que aceitemos a análise de Kratzer (2005) de que há, para as CR, uma restrição sobre a transitividade do verbo que ocorre aí: deve ser um verbo originariamente intransitivo ou que disponha de uma forma intransitiva. Essa restrição é um tanto surpreendente, pois as CR se caracterizam justamente pela presença de um complemento (que pode ser inclusive um falso reflexivo), sobre o qual se dá a predicação secundária. Kratzer (2005), no entanto, argumenta que esse NP é originariamente argumento do adjetivo.

Estendo para as estruturas com adjetivos adverbiais a mesma restrição: o verbo deve ser intransitivo ou poder se comportar como intransitivo. Na grande maioria das vezes, não há nenhum argumento interno em jogo (Bartra e Suñer (1997) se referem a esse caso como a restrição do objetivo direto).

- (25) a. Ela falou duro.
 b. A menina respondeu certo.
 c. Ela leu gozado.
 d. Ela dorme pesado.

Nos dados analisados, não foi encontrado nenhum verbo inacusativo. Os adjetivos possíveis de ocorrer com estes verbos funcionam como predicados secundários.

- (26) a. Ele chegou quieto. / Ela chegou quieta.
 b. Ele morreu isolado. / Ela morreu isolada.

Há, no entanto, alguns poucos exemplos em que encontramos um NP funcionando como argumento interno. Nesses casos, o NP não pode ocupar a posição adjacente ao verbo.

- (27) a. ?Ela leu esta carta bonito.
 b. Ela leu bonito esta carta.

É interessante observar que quando o OD está explicitado na estrutura, ele parece não contar para a interpretação ou, pelo menos, certas operações próprias de ODs não podem ser realizadas. Uma delas é a que diz respeito à telicidade. Sabemos que alguns verbos (os *accomplishments*) quando acompanhados de um objeto que contenha o traço [+definido], é interpretado como denotando um evento télico. Assim, (28a) denota um evento télico, ao contrário de (28b), que denota uma atividade. As expressões adverbiais *em X tempo* e *por X tempo* servem de diagnóstico para identificar eventos télicos e atélicos, respectivamente.

- (28) a. Ele comeu uma maçã.
 b. Ele comeu maçãs.

- (29) a. Ele comeu uma maçã em 2 minutos / *por 2 minutos.
 b. Ele comeu maçãs *em 2 minutos / por 2 minutos.¹²

Se, no entanto, adicionarmos um adjetivo adverbial ao exemplo em (28a), o objeto direto perde a propriedade de ser a medida do evento.

- (28) a. ??Ela comeu uma maçã escondido em 2 minutos.
 b. ?Ela comeu escondido uma maçã em dois minutos.

De modo geral, assume-se que as CR constituem uma operação que transforma eventos atélicos em télicos (ROTHSTEIN, 2004). As construções com adjetivos adverbiais parecem ir na direção contrária: transformam eventos télicos em atélicos.

Outra operação própria de objeto direto que fica impossibilitada nessas estruturas é a passiva. Já vimos que NPs OD não são bem aceitos

¹² O asterisco usado tanto em (27a) como em (27b) deve ser melhor qualificado. Para melhor tratamento da detelicização, ver Basso (2007).

nessas estruturas, mas quando forçamos a presença de um, a estrutura passiva é impossível.

- (29) a. Meu time perdeu feio a partida.
 b. *A partida foi perdida feio pelo meu time.
- (30) a. As crianças comeram escondido a maçã.
 b. *A maçã foi comida escondido pelas crianças.

Nas CR, como quer Kratzer (op. cit.), o NP sai da projeção do adjetivo e é alçado para a projeção do verbo. Nas construções estudadas aqui, é como se o NP saísse da projeção do verbo para dar lugar ao adjetivo. Vale observar que, se em lugar do adjetivo tivermos um advérbio em *-mente*, o OD direto fica liberado para assumir todas as suas funções.

- (31) a. Ela comeu uma maçã rapidamente em 1 minuto. (télico)
 b. A maçã foi comida rapidamente por ela.
 c. A partida foi perdida verginhosamente pelo meu time.

Esses fatos mostram que, embora o adjetivo tenha sim uma interpretação adverbial¹⁵, ele parece não ocupar a mesma posição sintática dos advérbios em *-mente*. Se a assunção que fizemos, a partir de Geuder (2002), de que a formação em *-mente* é uma flexão desencadeada na sintaxe, a diferença entre adjetivos adverbiais e advérbios em *-mente* será eminentemente de escopo sintático. E acho que isso se confirma pelo teste da passiva e, principalmente, por não se conseguir descrever uma diferença de significado quando temos um ambiente em que podem ocorrer a forma com *-mente* e a forma sem *-mente*. Na minha opinião, as tentativas de se encontrar diferença de significado em exemplos como os apontados em (32) não foram nada convincentes.

- (32) a. Ela fala duro. / Ela fala duramente.
 b. Ela trabalha árduo. / Ela trabalha arduamente.

Como já disse anteriormente, as CR comparadas com as construções com adjetivos adverbiais apresentam sobreposições ou similaridades por uma ou outra característica, mas claramente não são frutos do mesmo fenômeno. No entanto, podem servir de pista para que possamos apresentar tentativamente uma estrutura sintática para as construções que constituem aqui nosso objeto de estudo.

¹⁵ A questão da interpretação adverbial do adjetivo está mais detalhada em Foltran (2007).

3. EM BUSCA DE UMA ESTRUTURA SINTÁTICA

Embora estejam longe de serem conclusivas, as considerações apresentadas nesta seção têm por objetivo sinalizar para uma estrutura sintática. Algumas características apontadas no desenrolar deste trabalho são bastante relevantes para intuir como o adjetivo adverbial se projeta na estrutura. A partir da análise de Geuder (2002), assumimos que algumas informações lexicais dos adjetivos são determinantes para o seu comportamento na sintaxe. Geuder (2002) afirma que, em relação às propriedades de ser orientado para o indivíduo ou ser orientado para o evento, os adjetivos podem apresentar uma, outra ou ambas as propriedades. Dada a variação de adjetivos que aparecem nas estruturas em foco neste trabalho, eu afirmaria que os adjetivos sempre dispõem das duas propriedades. Se ele realiza efetivamente as duas ou, no caso de realizar apenas uma, que fenômeno determina isso é ainda um ponto a ser pesquisado.

Ainda a partir de Geuder (2002), assumi que os advérbios em *-mente* são formas flexionais do adjetivo, ou seja, pertencentes à categoria [+N +V] e que essa flexão é desencadeada na sintaxe. Isso nos permite agrupar adjetivos e advérbios predicativos numa mesma categoria, o que é teoricamente interessante, mas precisaremos dizer o que, na sintaxe, desencadeia essa concordância. A adjunção a categorias diferentes? Esta é uma resposta possível. Teríamos ainda outros motivos para dizer que adjetivos adverbiais e advérbios em *-mente* devem se adjungir a diferentes categorias na estrutura sintática: a) o fato de podermos dispor, em alguns ambientes, da forma com *-mente* e da forma sem *-mente* e, como disse acima, essa diferença parece ser estritamente sintática – o que reforça a tese de Geuder; b) o fato de o objeto direto, quando aparece na estrutura, não ficar disponível para qualquer tipo de operação se o adjetivo adverbial estiver presente, coisa que não acontece se, em lugar do adjetivo, tivermos um advérbio de modo. Acredito que esse é um argumento forte para direcionar qualquer reflexão sobre uma estrutura sintática.

Tendo isso em vista, a estrutura mais plausível para esse adjetivo é aquela que o coloca, em algum ponto da derivação, como irmão de V¹⁴. Se ele é gerado ali, ou se ele se move para essa posição, não estou certa. Isso nos permite supor que há algum processo de incorporação em jogo, já que o objeto direto, quando há um, fica neutralizado e a interpretação é sempre a de um evento que incorpora o adjetivo, ou seja, não é um evento de *perder*, mas um evento de *perder feio*, ou não é um evento de *comer*, mas sim um evento de *comer escondido*.

¹⁴ Bartra e Suñer (1997) apresentam uma análise que vai nessa direção.

Ao tentar explicar por que as línguas românicas não dispõem de CR, Kratzer (*op. cit.*) alega que, nessas línguas, tanto adjetivos atributivos como predicativos apresentam morfologia de concordância e advérbios de modo aparecem com o sufixo *-mente*. Diz ainda que, nessas línguas, raízes adjetivais sem flexão são raras e não se assemelham a adjetivos resultativos. Nas palavras da autora, “*except for a few frozen cases, French¹⁵ adjectival roots cannot stand alone. They even inflect in compounds. In contrast, German adjectival roots appear bare in all predicative constructions, as manner adverbs, and within compounds*” (KRATZER, *op. cit.*, p. 43).

Se as observações de Kratzer (*op. cit.*) a respeito do comportamento dos adjetivos em algumas línguas românicas se confirmam, precisamos qualificar melhor essa discussão para o português brasileiro. Pode-se dizer, nesse caso, que o PB fica a meio caminho entre o francês e o alemão. Diferentemente do que acontece no francês, as construções com adjetivos adverbiais, ou sem marca de concordância, não são raras. Ao contrário, segundo observações de Hummell (2000) e de Rodrigues (2007), raro no português brasileiro são os advérbios de modo em *-mente* (a ocorrência fica em torno de 6 a 8% do total de advérbios com essa forma). Isso aponta para o fato de que a noção de modo está sendo realizada de outras maneiras e o uso de adjetivos adverbiais é uma delas.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho busca dar aos adjetivos apresentados em (1) um tratamento mais adequado. Mostramos que tanto as formas chamadas de adjetivos como as formas chamadas de advérbios (neste caso, ficamos restritos aos advérbios predicativos, mais precisamente os de modo) podem se alternar na modificação de indivíduos e de eventos. Afirmamos, também, que considerar os advérbios em *-mente* formas flexionadas do adjetivo nos permite redimensionar a categoria lexical [+N +V]. Isso põe por terra a discussão categorial dos adjetivos adverbiais e a estranheza de eles poderem predicar do evento. Com a discussão das construções resultativas a partir de Kratzer (2005), queremos chamar a atenção para a importância de uma discussão translinguística que abordasse adjetivos e advérbios. A partir dessa comparação e das conclusões tiradas anteriormente, encaminhamos

¹⁵ Neste ponto, a autora lança mão de exemplos com adjetivos do francês, como *court* (curto), *doux* (doce), *haut* (alto) e *bas* (baixo), que podem funcionar como AA. Observa que eles são muito reduzidos.

algumas sugestões a respeito de uma estrutura sintática compatível com as propriedades de adjetivos e advérbios estudados aqui.

Alertamos, ainda, para a necessidade de teoricamente tornar mais precisa a noção de modo. O tratamento lexical dado por Geuder (2002) nos dá algumas pistas nesse sentido, mas ainda há muito a se pesquisar.

Finalmente, depois de toda a discussão desenvolvida aqui, a nomenclatura *adjetivo adverbial* é sem dúvida inapropriada. Usamo-la por falta de outra melhor.

RESUMO

Teorias semânticas preveem que adjetivos modificam indivíduos e advérbios modificam eventos. Essa assunção coloca alguns problemas para a análise de adjetivos que ocorrem em ambiente típico de advérbios – uma construção que é característica das línguas românicas e muito produtiva especialmente no português brasileiro. Este artigo apresenta a possibilidade de analisar adjetivos como também modificadores de eventos. Isso nos leva a redimensionar a classe dos adjetivos e incluir aí os advérbios predicativos. Fazemos também uma comparação com construções resultativas – típica das línguas germânicas – e encaminhamos uma sugestão em relação à sintaxe dos adjetivos em pauta.

Palavras-chave: *semântica de eventos; adjetivos; advérbios.*

ABSTRACT

Semantic theories postulate that adjectives modify participants and adverbs modify events. This assumption poses some problems to the analysis of adjectives in environments that are typical of adverbs – a construction that is characteristic of Romance Languages and especially very productive in Brazilian Portuguese. The present article shows the advantages of analyzing adjectives also as event-modifiers. This forces us to redimension the class of adjectives to include also predicative adverbs, solving the problem regarding the categorical status of such predicators. Based on a comparison with resultative constructions – typical of German Languages – the present work refers to some issues in order to reconsider the syntax of adverbs.

Keywords: *semantic of events; adjectives; adverbs.*

REFERÊNCIAS

- BARTRA, A.; SUÑER, A. Inert agreement projection and the syntax of bare adjectives. *Probus*, p. 1-31, 1997.
- BASÍLIO, M. Morfológica e castilhamente: um estudo das construções X-mente no português do Brasil. *DELTA*, n. 14, p. 15-25, 1998.
- BASSO, Renato. Telicidade e detelicização: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2007.
- DAVIDSON, D. The Logical Form of Action Sentences. In: RESCHER, N. (Ed.). *The Logic of Decision and Action*. The University of Pittsburgh Press, p. 81-95.
- FOLTRAN, M. J. Distribuição dos advérbios predicativos e adjetivos quando usados como predicados adjuntos. *Revista Letras*, Curitiba: Editora UFPR, n. 72, p. 233-249, 2007.
- GEUDER, Wilhelm. *Oriented Adverbs: issues in the lexical semantics of event adverbs*. Disponível em: <<http://w210.ub.uni-tuebingen.de/dbt/volltexte/2002/546/>>. Acesso em: 21/03/2007.
- HIMMELMANN, N. P.; SCHULTZE-BERNDT, E. *Secondary Predication and Adverbial Modification: The typology of depictives*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- HUMMELL, M. Considerações sobre os tipos ele fala esquisito e ela chega cansada no português coloquial e literário do Brasil e de Portugal. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL: A INVESTIGAÇÃO DO PORTUGUÊS EM ÁFRICA, ÁSIA, AMÉRICA E EUROPA: BALANÇO E PERSPECTIVAS, 2000, Berlim.
- ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a ordem dos advérbios. In: CASTILHO, A. (Ed.). *Gramática do Português Falado*. Volume I: A Ordem. Unicamp: Editora da Unicamp, 1989.
- KRATZER, A. Building Resultatives. In: MAIENBORN, C.; WÖLLENSTEIN-LEISTEN, A. (Eds.). *Event arguments in syntax, semantics, and discourse*. Tübingen: Niemeyer, 2005.
- LARSON, Richard. Events and modification in nominals. In: STROLOVITCH, D.; LAWSON, A. (Eds.). *Proceedings from Semantics and Linguistic Theory (SALT) VIII*. Ithaca: Cornell University, 1998.
- LOBATO, L. Sobre o suposto uso adverbial de adjetivo: a questão categorial e as questões da variação e da mudança linguística. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2005, Brasília.
- MCCONELL-GINET, S. Adverbs and Logical Form. *Language*, n. 58, p. 144-184, 1982.
- RODRIGUES, Sheila. *Advérbios de modo terminados em –mente no Português falado do Sul do Brasil*. Trabalho de Graduação (Relatório de Iniciação Científica) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
- ROTHSTEIN, S. *Structuring Events: a study in the semantics of lexical aspect*. Oxford: Blackwell, 2004.
- ZAGONA, Karen. *Mente Adverbs, Compound Interpretation, and the Projection Principle*. *Probus*, n. 2, p. 1-30, 1990.

Submetido em 12/04/2010

Aceito em 12/08/2010